

## TERCEIRA MARGEM DO PROCESSO CRIATIVO uma tentativa de travessia autista dançada

## THIRD MARGIN OF THE CREATIVE PROCESS an attempt at an autistic dance crossing

Ines Saber de Mello

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

ORCID: 0000-0002-9427-9844

Jussara Belchior

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

ORCID: 0000-0002-8592-6229

Mateus Scota

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

ORCID: 0000-0001-6698-4880

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n2ID40393

### RESUMO

Esta dramaturgia se constrói em um processo metalinguístico e metafórico que condensa relações-criações de três artistas da cena. Com uma forma de escrita atravessada, recortada e não linear, procura formatos menos rígidos de textos acadêmicos para compartilhar uma metapesquisa sobre neurodiversidades, processos de criação artística e de percepção sensorio-cognitiva que se defronta com a normatividade disciplinar universitária. A escrita materializa a dança, personagens, cenas e referenciais artístico-teóricos e situações que contornam novas camadas de uma expressão autista, redesenhando uma linha sempre acolá das minúcias cotidianas irrelevantes que, na criação, se tornam monumentos ora intransponíveis, ora a própria matéria de criação.

Palavras-chave: Autismo; processo criativo; dramaturgia; dança.

### ABSTRACT

This dramaturgy is built through a metalinguistic and metaphorical process that condenses the relational-creational dynamics of three performance artists. Using a crossed, fragmented, and non-linear form of writing, it seeks less rigid formats than traditional academic texts to share a metaresearch on neurodiversities, artistic creation processes, and sensorial-cognitive perception that confronts the disciplinary norms of academia. The writing materializes dance, characters, scenes, artistic-theoretical references, and situations that shape new layers of an autistic expression—redrawing a line always beyond the seemingly irrelevant everyday minutiae that, in creation, become either insurmountable monuments or the very matter of creation.

Keywords: Autism; creative process; dramaturgy; dance.

Lista de Personagens:

Narradora acadêmica

Tradutora que vive entre parênteses

Cadernos do Submundo

Beatrice

Radinho

Capivara Albina

Pedagogia da Pedrada

Criança que pula

Craca

CENA 1

[Todas as personagens em cena]

Narradora acadêmica:

Este é um texto-travessia de uma pesquisa em processo cujo assunto se integra ao tema proposto pela chamada de publicação *"Artistas autistas e criação contemporânea"* deste periódico acadêmico, uma vez que é escrito por uma artista da dança e da palavra, que há alguns anos se descobriu autista, e há um tempo busca sair do armário sem todas as máscaras construídas....

Pedagogia da Pedrada - Correção: "uma pessoa que sempre foi autista, mas que há pouco tempo se descobriu assim".

Narradora acadêmica: ... Como ia dizendo, escrito por três pessoas, a autista, sua amiga bailarina gorda e seu amigo-namorado-parceiro performer humano animal.

Tradutora que vive entre parênteses: Deixa eu abrir parênteses? Eu acho que dá para explicar como o processo criativo geralmente começa aqui entre nós: primeiro, busca-se definições comuns, de dicionários, por exemplo, e as condições

e formatos. Depois, busca-se fazer algo para comunicar. Então, verifica-se se a compreensão dos sentidos, formas e linguagem estão muito equivocadas, geralmente apresentando para outras pessoas inclinadas ao exercício criativo e metalinguístico.

Pedagogia da Pedrada: Que fritação é essa, gata!?

126

[Criança que pula começa a se movimentar em um canto, com olhar fixo em um mesmo ponto, mantendo-se no próprio eixo, como se ninasse a si mesma]

Narradora acadêmica: Gente, calma, antes de começar as explicações sobre o tema, acho que vale uma caracterização/apresentação das personagens, o que acham? Tradutora, você tem melhor poder de síntese, pode sair daí, por favor, e fazer isso?

Tradutora que vive entre parênteses: Posso. Mas preciso de um espaço maior para isso. [mudando de lugar começa] A *Narradora acadêmica* tende a ser séria, às vezes até fala em 3a. pessoa. Ela escreve artigos, releases de oficinas, responde bancas de processo seletivo, tem um tom professoral, é extremamente explicativa, adora trazer referências, é um tanto mandona, mas daquele tipo que bota todo mundo pra trabalhar, tipo o que ela acabou de fazer agora. Adora uma legenda, uma nota de rodapé, mas eu também gosto. No fundo ela é legal, apesar de seus *matches* no *Bumble* serem insuportáveis e pedantes. Suspeito que foi dela essa ideia de botar a gente para conversar.

Narradora acadêmica: Você pode se colocar aqui *Cadernos do Submundo*? [apontando para uma direção].

[caderno entra em cena]

Tradutora que vive entre parênteses: O *Cadernos do Submundo* não fala, mas diz muito. Ele contém um universo de anotações e reflexões.

Caderno do Submundo: [o texto aparece]

Coisas pessoais, coisas profissionais, delírios, compromissos, misturas, definições. Listas, lembretes, palavras bonitas [texto escrito em tempo real]: Sou bloco de notas ambulante que podem vir a ser algo um dia.

Tradutora que vive entre parênteses: Em outras palavras, *Cadernos do Submundo* é um tipo de processo que acompanha uma vida, tem anotações de pesquisa ou quantos copos de água a pessoa [aponta pra cima] já bebeu hoje ou coisas ouvidas por aí. Já a *Beatrice* [aponta para Beatrice] é o nome da voz do cérebro que elabora discursos sobre palavras, sobre todas as relações entre sujeitos, sobre amor e alguns outros temas específicos. Ela tem o nome da personagem Shakespeariana de “Muito barulho por nada”. De língua afiada, ela é chistosa, sagaz, com boa memória, imaginação e raciocínio rápido, e no fundo, uma romântica.

127

Radinho: [se deslocando pelo espaço] s- p e n - d d i n g my  
t i i i i i - me  
wha tching the-daaaaaaaays gooooo- byyyyyyyyyy.....

[Capivara Albina começa a dançar conforme o canto de Radinho]

Tradutora que vive entre parênteses: Esse é Radinho [apontando para Radinho]. As pessoas antropocentradas apresentariam *Radinho* e *Cadernos do Submundo* como rubricas, editando seu jeito de expressar, tentando fazer caber em alguma norma preestabelecida. Mas aqui eles têm seu modo de dizer as coisas. Em compensação, a *Capivara Albina* [aponta para Capivara] se faz de sonsa e age como tal.

Pedagogia da Pedrada: A *Capivara Albina* tem um comportamento curioso de trabalho, ela reúne todos os elementos mais místicos e adora tecer relações de sei lá onde, acho que da bunda! [voz debochada] “O éter tilelê é a substância mais abundante e difícil de acessar”...

FODA-SE o ÉTER! Eu quero criar e pra isso eu preciso de terra, plantar e comer!!  
Abaixo a especulação imobiliária!!!

[craca sai de cena para pegar objetos e ao voltar, começa a filtrar 40 litros d'água]

Tradutora que vive entre parênteses: Como vocês podem ver, a *Pedagogia da Pedrada* é esquentadinha... tem também um traço (ou desvio) pedagógico, como eu mesma e a Narradora acadêmica.

128

Pedagogia da Pedrada:... só que me sinto do outro lado da moeda.

Podemos ler o livro ou bater com ele em alguém, ambos podem ser efetivos para o processo educativo.

[Criança que pula, mantém o olhar fixo em um mesmo ponto, mas já transformou seu movimento de se ninar em pequenos saltos no eixo, de ritmo estável]

Cadernos do Submundo: [o texto aparece]

Método socrático, perguntas retóricas que conduzem estudantes a reflexões direcionadas;

Paulo Freire - pedagogia das perguntas (ANO?), pedagogia do oprimido (ANO?).

Narradora acadêmica: Anota aí 2014 e 1987. Tradutora, você não terminou de apresentar as personagens desse território. Mais objetividade, por favor. Faltou apresentar a Criança que pula... qual o nome dela?

[cadernos anota as datas, texto aparece em tempo real]

Beatrice: ela é literal, de vez em quando aparece por aqui.

Narradora acadêmica: Qual o nome dela?

Beatrice: e tem craca [pausa] que lambe tudo.

Cadernos do Submundo: [o texto aparece em tempo real] *Chthamalus bisinuatus* (latim)

Beatrice: Estamos no começo? no meio? Estou perdida agora.

Tradutora que vive entre parênteses: Beatrice, estamos fazendo uma dramaturgia para a Revista Manzuá sobre artistas autistas e o processo criativo. Creio que agora precisamos explicar qual a circunstância imaginária.

Beatrice: Este texto está mais para uma travessia.

Radinho: "Naaaa- ve-gar é pre-ciiiiiso. Viver não é preciso."

Narradora acadêmica: Portanto, é...

Radinho: "Naaaa- ve-gar é pre-ciiiiiso. Viver não é preciso."

Capivara Albina: Geeeeente, a influência portuguesa desse violão...

[Beatrice e Pedagogia da Pedrada se encaram]

Cadernos do Submundo: [O texto aparece] drama-turgia, trama-turgia - travessurgia

[A criança aumenta sua movimentação, pulando ainda mais, e vai se tornando o centro da atenção enquanto os outros personagens se afastam.]

Pedagogia da Pedrada – Eei! Você se perdeu na metalinguagem. Precisamos entender qual o espaço, porque cada personagem age assim. É uma travessia para onde? Tentando fazer o quê?

Assim, saberemos porque e quando essa criança aparece pulando.

Tradutora que vive entre parênteses: É um mecanismo de autorregulação dela.

Radinho: “Eita Giovana! Segura esse forninho!... Ôoooo Manheeê!”

Pedagogia da Pedrada - CHEGA! Tem que dizer se é uma travessia literal? Estão se deslocando? Pra onde?

Narradora acadêmica: Tradutora, a Pedrada quer saber por que estes personagens se reúnem numa mesma narrativa.

Pedagogia da Pedrada: ...Não me custa nada pegar um pedaço de pau de canjerana e resolver isso na paulada!

Beatrice: Você quer mesmo mostrar uma mente autista ou só está querendo pontuar no Lattes?

[craca termina de filtrar água e começa a lambar]

Narradora acadêmica: Retomando: a mente de uma pessoa autista figura uma constante travessia de planos metafóricos, simbólicos, imaginários e reais que se superpõe em ordens de importância. Em outras palavras, é uma confusão das ideias se compondo com o desejo de chegar sem sair do lugar. [... pausa] Faltam referências teóricas para dar suporte ao que acabo de dizer. Vou procurar! [sai de cena].

Pedagogia da Pedrada: Então, ou a gente fala o que é a travessia ou a gente faz a travessia!

Preciso muito fazer xixi, já volto.

Beatrice: Todas estamos presas na meta-camada e precisamos atravessá-la... Acabo de me lembrar do conto do Guimarães Rosa chamado "A terceira Margem do Rio", porque a travessia é talvez algo do meio, nem o começo nem o fim, não é sobre as margens, é sobre uma busca que é pouco compreendida por quem vive nas pontas.

[criança para de pular, respira fundo e sai]

Cadernos do Submundo: [o texto aparece]

\*Travessia\*,

- Priberam (2008-2025), é “Viagem ou passagem através de grande extensão de terra ou de mar.”
- Procurar dicionário Houaiss

[Capivara Albina faz uma *Saudação ao Sol*]

131

## CENA 2

[as personagens Capivara Albina, Tradutora que vive entre parênteses, Pedagogia da Pedrada, Beatrice, Narradora acadêmica e Radinho começam sentadas em roda]

Capivara Albina: Lembro de uma história que minha família contava, de uma mulher que ficou muitos anos sem falar com ninguém por que estava brava com uma vaca que havia comido uma camisa de festa que estava no varal. Naquela época as pessoas não tinham condições de ter muitas peças de roupa. Ela estava tão apegada à camisa que quando a vaca comeu ficou emburrada de tal maneira que se negou a pronunciar qualquer palavra até sua morte. Imagine, uma vaca...

[Beatrice entra em cena e interrompe a Capivara]

Beatrice: Cadê a Criança que pula?

Tradutora que vive entre parênteses: Ela tá lá trancada no banheiro faz um tempo, a gente estava num exercício de mediação teatral agora há pouco. O grupo de mediadores propôs uma atividade de “sensibilização” com uma coleção de óleos essenciais. Que furada! Os cheiros começaram a se misturar no ar e a pobrezinha saiu toda atordoada. Se eu tô com dor de cabeça, imagine ela.

Beatrice: Será que ela vai conseguir assistir à peça? Daqui a pouco eles distribuem os ingressos. Preciso muito fazer xixi, já volto.

[Beatrice sai]



Pedagogia da Pedrada: Tomara que não seja daquelas peças barulhentas. Sempre tem um jumento que bota a caixa estourando no último! E pra quê? Precisa mesmo? Lembra daquela peça/performance “¡LA ASIMETRÍA ES MÁS RICA!” que vimos no CCSP? Aquela que a Estela Lapponi vai cortando um monte de fruta com tudo quanto é coisa, tesoura, faca, cutelo, serra elétrica. A produção disponibilizou abafador de som para quem quisesse. Foi ótimo! A criança saiu emocionada por se sentir bem-vinda, lembrada, cuidada.

Radinho: “¡LA ASIMETRÍA ES MÁS RICA!” “¡LA ASIMETRÍA ES MÁS RICA!” “¡LA ASIMETRÍA ES MÁS RICA!”

Capivara Albina: Ah é! tem espetáculo que já na divulgação avisa para qual público é recomendado, ou avisa de coisas como aquelas luzes estrambólicas.

Narradora acadêmica: Luzes estroboscópicas, *Capivara Albina*. No caso de um trabalho com muitas dessas luzes, talvez ele não seja recomendado a pessoas com epilepsia ou histórico de convulsão. Vocês sabiam que tudo isso faz parte do que a Tania Alice da UNIRIO chama de *Mapa de previsibilidade*. A equipe da Lapponi ofereceu o abafador para quem tem sensibilidade a sons altos, não precisava mostrar o laudo. Informações substanciais como, por exemplo, a duração de um espetáculo, se tem intérprete de libras, deveriam ser informadas já no material de divulgação. A acessibilidade não beneficia apenas às pessoas com deficiência.

Radinho: “¡LA ASIMETRÍA ES MÁS RICA!” “¡LA ASIMETRÍA ES MÁS RICA!” “¡LA ASIMETRÍA ES MÁS RICAAAAA!”

Pedagogia da Pedrada: Puxa saco da Tânia Alice! Você falou dela porque quer que ela publique nosso texto-travessia. Isso não é nenhuma novidade. Sofie Hagen, comediantes gorde não binária da Dinamarca (que está em processo de emagrecimento, veja bem) faz isso provavelmente sem ter lido a Tânia.

Narradora acadêmica: Ah! Ela publicou um artigo no *The Guardian* comentando sobre uma série de medidas que os espaços de apresentação podem tomar para deixarem de ser gordofóbicos: como avisar sobre o tamanho dos assentos e até treinar a equipe para falar com respeito e ajudar as pessoas a se sentarem no espaço. Também é uma reflexão sobre acessibilidade. Antes da sua próxima pedrada [olhando para Pedagogia da Pedrada], informo que Sofie Hagen usa os pronomes “she” e “they”.

Tradutora que vive entre parênteses: Mas gente, estamos usando essa conversa para o texto-travessia? A gente não estava só esperando os ingressos?

Radinho: “¡LA ASIMETRÍA ES MÁS RICA!” “¡LA ASIMETRÍA ES MÁS RICA!” “¡LA ASIMETRÍA ES MÁS RICA!”

[Beatrice entra em cena com alguns ingressos e máscaras descartáveis]

Beatrice: Ou! Peguei ingressos para mim e para a Criança. Parece que tem terra, então a produção está distribuindo máscaras para quem quiser ou precisar.

[Todas saem]

CENA 3

[craca, Cadernos do Submundo e Capivara Albina estão em cena]

Esta é uma ação coreografada entre craca e Cadernos do Submundo, as posturas (encaixes e apoios) devem ser construídas durante a montagem. Em cena, craca começa a manipular o corpo de Cadernos do Submundo, criando posturas para se encaixar, se apoiar e se pendurar nele/nelu. Cadernos atua como base (portô) para sustentar o corpo de craca que atua como volante. Em resumo: craca manipula Cadernos colocando o corpo em uma postura determinada previamente para então

se encaixar nessa postura. craca decide o momento de sair dessa postura e manipular Cadernos do Submundo até formar uma nova postura para se encaixar. Com as movimentações entre craca e Cadernos, textos-cartazes se revelam e se organizam espacialmente em cena, sem ordem pré-estabelecida, como os descritos a seguir.

Enquanto o duo acontece, a Capivara está sentada em posição de lótus observando serenamente craca e Cadernos do Submundo.

[primeira postura, o texto aparece]

Manifesto Anti-Inclusão parte 1 de Estela Lapponi

A Inclusão propõe hierarquia de capacidades.  
[...] A Inclusão é simplesmente incapaz.  
A Inclusão pressupõe passividade.”  
A Inclusão não interage.  
A inclusão causa pena  
A inclusão é unilateral [...]

[nova postura, texto aparece]

## ARMADURA

- duras (defesa, escudo, ataque como defesa, língua afiada)
- maleáveis (amortecer o impacto, aguentar calada, vingativa)
- quebradiças (porosas, incorporam os espinhos que recebem)

[nova postura, o texto aparece]

Arte é construção  
Arte é diálogo  
Arte é investigação  
Arte é Ação  
Arte é troca  
Arte é liberdade  
Arte é criação [...]

Manifesto Anti-Inclusão parte 1

[nova postura, o texto aparece]

Isso é dança? isso é teatro? Cadê a técnica?

[nova postura, o texto aparece]

a bipedia compulsória na dança (Edu O) impõe:

- virtuose
- disciplina
- normatividade
- clareza
- o que é dança
- o que é teatro

[nova postura, o texto aparece]

“[...] A inclusão quer te desincorporar  
A inclusão quer te ignorar  
A inclusão quer te especificar”  
Manifesto Anti-Inclusão - parte 2  
Estela Lapponi (colaboração Lenira Rengel)

[nova postura, o texto aparece]

E você que está assistindo, é bípede?

## CENA 4

[craca, Cadernos do Submundo e Capivara Albina estão em cena, Narradora entra e começa a mexer nas coisas que Cadernos do Submundo e craca montaram]

Narradora acadêmica: Estou preparando uma aula, vou treinar com vocês.

Cadernos, ajuda aqui, mostra aquelas anotações do “O Autismo em meninas em mulheres” da Sílvia Ester Orrú. Sim! esse! ...

[ela lê enquanto *Cadernos* mostra a anotação do trecho]

O autismo foi e será...: “território de disputas teóricas e políticas que, por vezes, beneficiam os sujeitos no acesso e usufruto de seus direitos humanos, por outras, logram interesses próprios em detrimento das reais demandas desses sujeitos. Ora querem

salvar o sujeito com autismo, ora o querem segregar, anular, rescindir ou utilizá-lo como consumidor de um mercado e política em ascendência. O utilitarismo tem muitos tentáculos” (Orrú, 2024, p.45).

Esse livro inclusive apresenta uma tabela com alguns marcos na história complexa da invenção do autismo, esquematizando estudos e contribuições na busca por explicar seu acontecimento. Há muitas contradições e muitos enigmas sobre o autismo. A Sílvia traz a perspectiva de Mottron, por exemplo, [*Cadernos* mostra outra anotação] que “O autismo está sendo considerado, cada vez mais, como uma variante humana que às vezes envolve intensas vantagens e, em outras, consideradas desvantagens adaptativas” (p. 100).

136

[craca busca modos de se manter acoplada no corpo de *Cadernos do Submundo* enquanto a Narradora interage com *Cadernos do Submundo*]

Narradora acadêmica: Agora, será que mostro um trabalho artístico ou proponho uma dinâmica?

*Cadernos do Submundo*: [o texto aparece]

Obra coreográfica “Judite quer chorar, mas não consegue!” (2006) de Edu O.

Analogia: lagarta que se recusa a virar borboleta, autistas que não querem mascarar. Querer manter-se lagarta – estética DEF?

Capivara Albina: [se aproxima e faz movimentos circulares com os braços tocando primeiro em *Cadernos* e depois na Narradora] *Cadernos do Submundo* [lançando um feitiço], revele anotações, questionamentos e reflexões que você registrou. Desde as páginas mais antigas até as notas soltas feitas em papel rascunho.

[Narradora acadêmica fica imóvel com olhar de vidro no momento que Capivara Albina toca nela]

*Cadernos do Submundo*: [o texto aparece]

Referências boas para mostrar em aula:

livro ->TEARTE: poéticas do encontro em dança e autismo (2021);

(mascaramento, “fingir” que não é surda; simular não ser pessoa com deficiência).

[Cadernos encara a Narradora acadêmica esperando uma interação, mas ela continua imóvel, catatônica. Cadernos então procura outra informação e outro texto aparece]

137

Cadernos do Submundo:

[O texto aparece]

autista é imprevisível. Não há uma regra única.

Anedota da Camila Alves sobre exposição no BB -> surpresa! autistas gostaram das coisas mais barulhentas.

[O texto aparece]

O movimento da neurodiversidade surge como uma alternativa ao modelo médico de deficiência. Dentro desse movimento podem ser reconhecidas como condições neurodiversas o transtorno de espectro autista, dislexia, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, superdotação e altas habilidades, disgrafia, disortografia, transtorno obsessivo compulsivo, transtorno do processamento auditivo, dispraxia e hiperlexia. Contrariamente ao modelo médico de deficiência, a abordagem da neurodiversidade surge como oposição (GOTELIP, 2024, p. 39-40).

[Cadernos começa a bugar, continua tirando trechos de si sem parar.

O texto aparece]

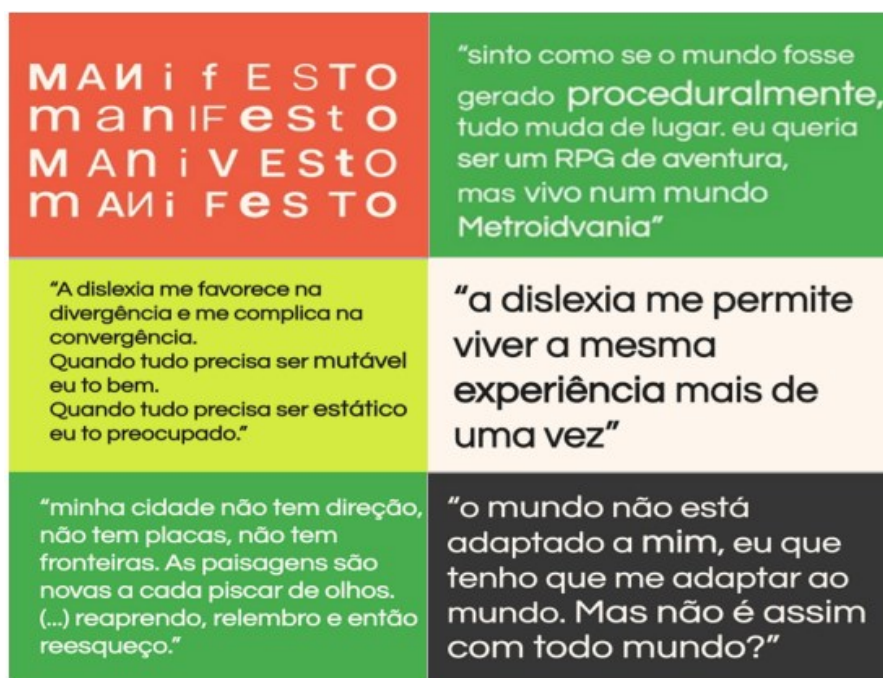
Lucas de Almeida Pinheiro - professor artista -> Procedimentos criativos podem ampliar modos de fazer/ensinar teatro. -> (eu: dança, teatro, performance) -> Viradas estéticas / éticas / políticas.-> Modalidades sensório receptivas a composição/fruição. Propor a partir de \_\_\_\_.

[O texto aparece]

- arte pode inserir/alterar perspectivas e percepções do próprio fazer artístico
- acessibilidade pode promover outras escolhas estéticas e ideológicas da criação
- mostrar obras de Bob Wilson??
- Trecho da dissertação de Lucas Pinheiro (2017, p. 13)

Bob Wilson colabora com dois meninos que, anteriormente a esta parceria, eram tidos unicamente como doentes ou deficientes: Raymond Andrews, que nasceu surdo, e Christopher Knowles, diagnosticado com autismo. Dentro destes processos colaborativos, cada um destes meninos, à sua maneira, engendrou à cena wilsoniana elementos essenciais às suas concepções cênico dramáticas – delineadas pelo olhar de um surdo (no que tange os aspectos visuais) e pela voz-pensamento de um autista (no que diz respeito aos processos sonoro-verbais).

[O texto aparece]



138

Manifesto da Mostra Dislexia Quando Arte, 2020. Fonte: Gotelip, 2024, p. 45.

[O texto aparece]

- Obs.: precisa ver como faz para deixar essa imagem-texto acessível para pessoa com deficiência visual.

[O texto aparece]

????????

[Narradora continua imóvel]

Capivara Albina: [toca na sua própria bexiga e diz] Preciso muito fazer xixi.

Cadernos, você não fez xixi até agora, Narradora, você também não. Vamos comigo no banheiro?

[Capivara Albina pega Cadernos do Submundo e Narradora Acadêmica pelas mãos e todos saem de cena. craca sai de cena demoradamente]

CENA 5

[Vestígios (materialidades/textos usados) das cenas anteriores continuam espalhados no espaço cênico. Radinho entra cantando Check-up de Raul Seixas, 1988]

Radinho:

“Acabei de dar um check-up na situação  
O que me levou a reler Alice no País das Maravilhas  
Já chupei a laranja mecânica e lhe digo mais  
Plantei a casca na minha cabeça  
Acabei de tomar meu Diempax  
Meu Valium 10 e outras pílulas mais  
Duas horas da manhã recebo no peito, um Triptanol 25  
E vou dormir quase em paz  
E a chuva promete não deixar vestígio  
E a chuva promete não deixar vestígio  
E a chuva promete não deixar vestígio  
E a chuva promete não deixar vestígio”

[Todas as outras personagens entram em cena. Criança que pula e Pedagogia da Pedrada exteriorizam o incômodo com a bagunça. Criança que pula começa a pular mantendo olhar fixo em um mesmo ponto]

Pedagogia da Pedrada: Que porra de fuzuê é esse? Tudo eu para organizar isso aqui? Vamos acabar este texto ou não vamos? Cadê minhas almofadas?

Narradora acadêmica: A metacamada é um tapete. Furar essa metacamada é o único modo de fazer uma travessia.

Pedagogia da Pedrada: Mas que tapete? Se perdeu na metalinguagem. Bóra terminar isso, estamos todas aqui. Vamo vamo...

Radinho: “Menos a Luiza, que está no Canadá.”

Tradutora que vive entre parênteses: Talvez o que ela [aponta para a Narradora acadêmica] está querendo dizer é que a metacamada é a própria tessitura narrativa e não um tapete. É preciso mudar todo o jogo para sair de uma relação meta. Não seria um tapete, pois o tapete não é uma condição de jogo, é um elemento.



Capivara Albina: A gente não precisa falar mais nada. Olha a criança que pula, tá tudo ali.

[Criança que pula olha a pedagogia da Pedrada e concorda com a cabeça, se mantém pulando, se deslocando pelo espaço, criando outros ritmos, agora buscando trocar olhares com todas as pessoas presentes na cena/no público]

Tradutora que vive entre parênteses: Acho que a Narradora ainda está tentando puxar uma referência acadêmica para colocar aqui, e tem essa coisa da rigidez cognitiva, por isso ela não deixa a gente terminar.

Beatrice: Como se a gente não fosse ela.

Narradora acadêmica: Nós começamos afirmando que estamos construindo um texto-travessia de uma pesquisa ....

craca: CHEGA!

[craca se fecha]

[Criança que pula pega nas mãos de Radinho que se contamina com o ritmo da Criança que pula e começa a cantar.

Radinho tenta sintonizar canais com fragmentos de músicas, notícias e propagandas. Entre todos os deslocamentos sonoros, ouve-se castelhanos conversando ao fundo.

Pedagogia da Pedrada, Capivara Albina, Tradutora que vive entre parênteses, Narradora acadêmica, Cadernos do Submundo e Beatrice se contaminam com a movimentação de Radinho e da Criança que pula e começam a se mover (pular) a sua maneira, relacionando uma com a outra, se deslocando pelo espaço. craca se mantém fechada].

*Blackout*

## PARATEXTO ou o porquê escrever uma dramaturgia sobre travessia

Começamos este texto com a discussão do que seria uma travessia porque Ines Saber queria publicar um texto no dossiê temático dedicado a artistas autistas e sua criação contemporânea. Ela não queria escrever um artigo nomeando o que do seu processo artístico é autista, mesmo reconhecendo que traços de sua personalidade são marcados por este espectro. Então, como sempre faz para garantir que está situada e que não está viajando nas suas mil possíveis interpretações, perguntou a algumas pessoas o que elas entendiam como *Travessias em pesquisa*, porque sentia que era isso que estava fazendo: uma travessia. Há alguns anos busca na sua prática, artística e docente (de dança e de escrita) fundar-se pelas e nas relações de um contexto, sejam elas entre as pessoas, seres humanos, seres não-humanos e as forças-mais-que-humanas de um território. Isto é, uma prática de interdependência, que leva em conta as necessidades e possibilidades do movimento que o contexto fez, faz e fará. Essa forma de escrita atravessada, recortada e não linear, mostra uma urgência de compartilhar esses estudos, e que em outros formatos mais rígidos de textos acadêmicos se tornaria o que ela mais teme: um manual do que devemos fazer.

Então, começou como muitas vezes inaugura seus processos artísticos: buscando e listando definições de palavras/conceitos em diversos campos, se perdendo e pedindo ajuda. Foi aí que convidou Jussara Belchior, bailarina gorda que pesquisa corpos gordos e corpos dissidentes na dança. Essa parceria de trabalho tem quase dez anos de simbiose - escrevendo, estudando, dançando e vivendo - criou preciosos modos de fabular e partilhar suas invenções artístico-acadêmicas, criou também uma intimidade com os traços metalinguísticos.

A escolha por escrever através de personagens foi um procedimento para trabalhar a forma e conteúdo das ideias juntas e dar a chance delas se expressarem por si, tomarem forma. Assim, personagens já conhecidos para Ines como Beatrice (nome do próprio cérebro) começaram a conversar com

personagens que surgiram na relação entre ela e o artista performer humano-animal Mateus Scota como a impaciente *Pedagogia da Pedrada*. Ele então foi chamado para construir o texto-travessia, repetindo vários diálogos imaginados.

A Capivara Albina é tanto a abstração neurodiversa, que tem um sentido muito pessoal e não compartilhado, beirando o *nonsense*, como também é a paz que neurotípicos expressam ao agir e fazer as coisas - sem precisar se gastar inteira pensando em uma ação (como/em quanto tempo/para quem/porque/onde/se deve executar etc.). A Capivara Albina é, por vezes, a expressão de um neurotípico quase invejada por pessoas neurodivergentes que não conseguiram ler o contexto e não entenderam quais são as expectativas que precisam cumprir.

O processo criativo de uma artista-professora autista que gosta de trabalhar com quem não tem apegos linguísticos-estilísticos disciplinares propôs a escrita de um texto. Ele só se tornou uma dramaturgia porque foi criada em relação e sobre relações. *Terceira margem do processo criativo: uma tentativa de travessia autista dançada* condensa relações-criações que podem ser consideradas atípicas por expressar o traço mais genuíno de um processo de criação: um tanto de embate, a suspensão de regras, a negociação, a invenção, a liberdade e a coexistência.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Camila Araújo. E se experimentássemos mais?: contribuições não técnicas de acessibilidade em espaços culturais. - 1ed. - Curitiba: Appris, 2020.

ALICE, Tania. Poéticas do Cuidado: sete eixos para cuidar com arte. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 4, n. 53, p. 1-28, 2024. DOI: 10.5965/1414573104532024e0202. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/25330>. Acesso em: 3 jun. 2025.

BUARQUE, Chico. *Os Argonautas*. Universal Music Ltda: 1972. (3min24s).

"Eita Giovana, segura esse forninho" meme, 2014.

FREIRE, Paulo. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOTELIP, Paula. Teatro e dislexia: proposições lúdicas e artísticas entrelaçadas com a experiência pessoal. Tese (Pós-Graduação em Artes Cênicas) – Udesc, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/handle/UDESC/20260>. Acesso em: 29 mai. 2025.

HAGEN, Sofie. Here's what venues can do to become fat-friendly spaces – and spare a lot of pain. The Guardian, 18 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/stage/2023/jul/18/heres-what-venues-can-do-to-become-fat-friendly-spaces>. Acesso em: 30 mai. 2025.

LAPPONI, Estela. Manifesto Anti-Inclusão parte 1 e 2. Corpo Intruso: uma investigação cênica, visual e conceitual. São Paulo: Editora Casa de Zuleika, 2023.

LAPPONI, Estela. "La Asimetría es Más Rica". Sala Ademar Guerra del CCSP (Centro Cultural São Paulo) como parte da Mostra Perspectiva do CCSP. 4 de agosto, 2024.

"Menos a Luiza, que tá no Canadá" meme, 2011.

O; Edu. Carta aos Bípedes. Disponível em: <https://www.frrrkguys.com.br/edu-o-publica-carta-aos-bipedes/#:~:text=Se%20a%20sua%20inclus%C3%A3o%20quiser,sem%20d%C3%BAvida%2C%20voc%C3%AA%20%C3%A9%20b%C3%ADpede>. Acesso em 20 mai. 2025.

O; Edu [Carlos Eduardo Oliveira do Carmo]; DALTRO, Fátima; VALENTIM, Lucas. Despertando judites: experiências de criar e aprender dança com crianças. VII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. Salvador: C. O do Carmo, 2014.

ORRÚ, Sílvia Ester. O Autismo em Meninas e Mulheres: Diferença e Interseccionalidade. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2024.

PINHEIRO, Lucas de Almeida. Teatros e artistas com deficiência visual. Campinas: Editora da UNICAMP, 2024.

PINHEIRO, Lucas de Almeida. Bob Wilson: por trás do olhar de um surdo e da voz-pensamento de um autista. Londrina: EDUEL, 2021.

ROSA, Guimarães. Primeiras Estórias Capa comum. São Paulo: Global Editora, 2025.

ROXETTE (Per Gessle e Mats Persson). Spending my time. EMI: 1991. CD e Fita cassete (4min39s).

SEIXAS, Raul. Check-up. Copacabana: 1988. LP, Fita cassete e CD (2min21s).

SHAKESPEARE, William. Muito barulho por nada. Trad. José Luís Peixoto. L&PM Pocket, 2014.

"travessia", Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/travessia>. Acesso em: 27 mai. 2025.

VIANA, Anamaria Fernandes. Tearte: poéticas do encontro em dança e autismo. Curitiba: Appris, 2021.